

HRC enfrenta crise por causa da superlotação

12 MAR 1993

JORNAL DE BRASÍLIA

DÉBORA LEILA

O Hospital Regional de Ceilândia (HRC) enfrenta hoje uma das suas piores crises de funcionamento em decorrência da superlotação. Com a reforma do HRT prevista para acabar apenas em junho, a demanda no atendimento aumentou de 700 para 1.100 pacientes ao dia. Os corredores do pronto-socorro, sobretudo pela manhã, retratam a situação caótica do serviço hospitalar da rede pública no DF. Há doentes acomodados em macas, cadeiras e até mulheres de resguardo deitadas no chão sobre colchões.

Para dar suporte ao número de médicos, a Secretaria de Saúde autorizou que um profissional, por turno, nas áreas de pediatria, clínica médica e obstetrícia fosse remunerado com hora extra. O diretor do Hospital Antônio Alves Coelho tentou fazer o mesmo em outras categorias, solicitou a diretoria do HRT que o pessoal excedente atuasse provisoriamente em Ceilândia, mas não obteve resposta favorável. "O problema se agravou tanto que agora não se resolveria apenas com um novo efetivo, simplesmente não temos mais espaço para acomodar outros pacientes" — explica.

As gestantes que chegam ao HRC após o parto retornam com o filho para a maternidade de Taguatinga. Cerca de 20 mães são removidas diariamente numa Kombi que faz, em média, três viagens neste período. Apesar das dificuldades, o hospital de Ceilândia é a unidade da

rede pública que realiza anualmente o maior número de partos, dois mil a mais que o Hospital Regional da Asa Sul, o único que funciona especificamente para este fim.

Os doentes que chegam hoje ao Hospital Regional de Taguatinga (HRT) estão enfrentando grandes dificuldades para receber socorro. O quadro, que segundo pacientes não era dos melhores, foi agravado com a reforma do pronto-socorro e do centro cirúrgico iniciada em 18 de fevereiro. Toda a emergência foi transferida para a área do ambulatório e a capacidade de atendimento foi reduzida em 50%.

Dos 1.200 pacientes que procuram diariamente o HRT apenas 600 estão sendo atendidos no local. Uma triagem rigorosa determina os casos mais graves que ficam no hospital. Segundo o vice-diretor Milton Rodrigues da Paixão, foi montado um esquema para dar suporte às dificuldades surgidas com a reforma. O secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, enviou um ofício aos hospitais de Ceilândia e Asa Sul para que acolhessem os doentes que não fossem atendidos em Taguatinga.

Na emergência do HRT são várias as reclamações. Alguns pacientes se queixam de ter de esperar mais de cinco horas para entrar no consultório. Este é o caso da dona-de-casa Sebastiana Monteiro dos Santos. A maioria das gestantes que procura o HRT está sendo removida para o Hospital Regional de Ceilândia, unidade que já sofre problemas de superlotação.